

BAILEY, F. G. *The civility of indifference*. Ithaca: Cornell University Press, 1996. 184 p.

MIRIAM DE OLIVEIRA SANTOS*

Em *The civility of indifference*, a política aparece como um domínio de atividades marcado simultaneamente pela escolha individual e pelos grandes rituais coletivos.

Inicialmente, o centro de atenção da antropologia era a questão do poder, apesar de o modelo evolucionista restringir o objeto de estudo da antropologia às chamadas sociedades sem Estado. Com a escola funcionalista, nas décadas de 1930 e 40, os antropólogos britânicos deslocaram a questão da política, ao retirá-la da esfera tradicionalmente atribuída a ela pela filosofia e pela ciência política para colocá-la em um sistema político constituído por diversas instituições sociais. Nesse modelo, buscavam-se as instituições que, na ausência formal do Estado, desempenhariam as funções políticas.

Ao longo da década de 1960, as grandes escolas desaparecem e há uma pulverização das correntes antropológicas e um movimento de recuperação de autores de períodos anteriores. É nesse contexto que aparece o processualismo, que valorizou o processo político enquanto tal, operando um novo descentramento, o qual retirou a política da esfera dos sistemas e das instituições e a projetou sobre as interações sociais concretas. Para essa corrente, a idéia de processo é central e, sendo assim, a política passaria não por instituições, mas por conflitos. Ao realizar esse deslocamento na direção das relações interindividuais, a teoria antropológica operou uma redução da análise, ao mesmo tempo

teórica e empírica: a atenção da disciplina ficava limitada aos aspectos “micro”, “localizados” ou “intersticiais” das dimensões maiores nas quais transcorreria a grande política e a grande teoria, isto é, aquelas que dizem respeito à própria existência do Estado e às relações entre os Estados. Surge também a idéia de que todas as sociedades são políticas e que o político antecede o Estado. Frederick George Bailey filia-se a essa escola.

Bailey é professor emérito de Antropologia na Universidade de Califórnia, San Diego (EUA). Suas principais obras são: *Caste and the economic frontier* (1957); *Tribe, caste, and nation* (1960); *Politics and social change* (1963); *Stratagems and spoils* (1969); *Gifts and poison* (1971); *Debate and compromise* (1973); *Morality and expediency* (1977); *The tactical uses of passion* (1983); *Humbuggery and manipulation* (1988); *The prevalence of deceit* (1991); *The kingdom of individuals* (1993); *The witch-hunt* (1994); *The civility of indifference* (1996); *The need for enemies: A bestiary of political forms* (1998).

São temas recorrentes nos seus livros a interação social, a diferenciação interna como motivadora do conflito e a idéia de que comunidade é compartilhar valores. A inspiração para esse novo livro, como o autor nos explica no prefácio, surge em função de um conflito: a guerra civil iugoslava. Mas este é apenas o ponto de partida.

Em *The civility of indifference*, Bailey documenta um caso de discussão étnica que ameaçou a aldeia de Bisipara, no oeste da Índia, quarenta anos atrás. Bisipara inclui uma comu-

* Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Professora da FSMA. E-mail: mirsantos@uol.com.br

nidade na qual grupos étnicos diferentes foram vistos como raças distintas de pessoas, organizadas em uma hierarquia de mérito, ou seja, dentro de um regime de castas. Nesse livro, Bailey analisa a discussão étnica que ameaçou a aldeia quarenta anos atrás, mas que não se transformou em matança. Isto ocorreu, segundo ele, não por compaixão, mas porque existia entre eles uma sensação de inevitabilidade. A história dos Oriyas de Bisipara serve como uma parábola de indiferença pragmática, em contraste com os fanatismos que justificam a guerra civil. A idéia fundamental do livro, presente também em outras obras do autor, é a de comunidade de valores.

Sobre a questão dos valores, um dos pontos centrais que é analisado no livro é o conceito de *dharma*, que envolve dever e concepções da realidade e encontra-se muito próximo do que Bourdieu chamou de “luta pela imposição de diferentes visões de mundo”. Nas palavras de Bailey:

Certamente em Bisipara eles competiram versões diferentes de *dharma*, a ordem natural de sociedade e do mundo – isso era o ponto da disputa de entrada de templo –, mas ao mesmo tempo havia, no fundo, compartilhada concepção principalmente tácita, e incontestada de realidade, uma noção de como coisas realmente deviam ser. (p. 170)

O que o autor procura demonstrar é o modo como a construção de uma “comunidade de sentido” ou “visão de mundo” e o modo como se impõem aos outros essas visões e sentidos fazem parte de uma disputa de significados, sem os quais não se pode entender o contexto histórico e o desenrolar dos acontecimentos naquela comunidade.

Ao tratar de violência e conflito, o autor endossa a noção de Simmel (1964), que afirma que o conflito é uma força integrativa do grupo. As ações sociais pautam-se pela negociação, e o conflito, ou a ameaça de conflito, pode ser uma forma de negociação, servindo, ainda, sob a forma de hostilidade, para dirigir e limitar o poder.

Sobre a relação entre as ações sociais e os valores, Bailey esclarece: “convicções e valores são conectados a ações, ações têm consequên-

cias, e estas consequências realimentam as convicções e valores. Conhecimento é fruto de experiência” (p. 171).

Desde o prefácio do livro, Bailey já torna claras as suas motivações para escrevê-lo e ao mesmo tempo esclarece a sua posição sobre a etnografia, ao perguntar: “Qual é a vantagem de escrever sobre outros se nós não podemos, ao fazer isto, ver melhor a nós mesmos?” (p. xiii). A pergunta que ele se apresenta e tenta responder através do livro é: por que em Bisipara não houve a matança a que hoje assistimos na Iugoslávia e em Ruanda? Sua resposta está calcada na relação que apontamos no parágrafo anterior: porque as ações dos habitantes de Bisipara foram ditadas por seus valores, que, por sua vez, tinham sido determinados pelas consequências das suas ações anteriores.

No primeiro capítulo, Bailey descreve a história do lugar e o incidente do templo que deu origem ao conflito, analisando as castas envolvidas e as particularidades do sistema de castas. Ele dedica os capítulos seguintes ao exame do que chamou “pragmatismo da indiferença” ou “pragmatismo quieto”, realizando, para isto, uma etnografia refinada da estrutura social da comunidade e das castas múltiplas. A descrição detalhada dele revela as visões morais dos vários grupos competindo entre si, e as suas conclusões abrem uma perspectiva nova sobre a violência étnica. Seu objetivo foi “explicar por que a moderação representou um tal papel central na filosofia de Bisipara” (p. 172).

Ao referir-se à indiferença, Bailey usa uma frase de Tacitus: “*sine ira et studio*”, por acaso (?) a mesma que Weber utilizou para descrever o espírito de impessoalidade formalista da burocracia racional. Aliás, Weber é uma das grandes influências de Bailey, o que pode ser observado na ênfase que o autor dá à ação e especialmente às escolhas. Nesse caso, a ação política não é exclusiva do campo político.

Mas é no final que o autor revela a grande surpresa do livro. No último capítulo, Bailey, sem citar nomes, critica os pós-modernistas e aqueles que acham que não é possível realizar etnografias, já que “De acordo com esta corrente, eu, como um antropólogo, escrevo uma mistura sinistra de ficção e ego-advocacia, produzindo uma construção imaginária” (p. 160).

E ele continua sua defesa da etnografia, afirmando que:

Idéias não são separadas de contexto social. É sabe-se bem que nós não informamos os fatos simplesmente. [...] Afirmar que o papel do antropólogo é limitado a uma forma minimalista de descrição – mera reportagem do que pessoas dizem, matéria-prima sem análise – é simples – senão insincero. A escolha de material é uma forma de análise, e esses que reivindicam respeitar o Outro somente informando, e recusando analisar isso que o Outro diz que é, estão se enganando. (p. 160)

No trecho citado, fica fácil perceber que Bailey está na verdade rebatendo as críticas que James Clifford faz à antropologia, especialmente aquelas em que a acusa de colonialista e desqualifica a observação participante. Percebe-se também uma reação a posições como as de Crapanzano, que desqualifica o etnógrafo. Na realidade, Bailey está respondendo a muitos interlocutores, especialmente aqueles como Said, Baba, Clifford Geertz e Talal Assad, que se inscrevem no debate antropologia x colonialismo. Está especialmente reclamando da falta de análises dos pós-modernistas e defendendo o seu direito à interpretação daquilo que observa e descreve.

Bailey posiciona-se como defensor da etnografia e da capacidade que a antropologia tem de criar modelos de comparação. Mas ele não se limita a defender seu modelo de trabalho e de etnografia e, quando passa para o ataque, acusa os pós-modernistas de fazer trabalhos de arte e não etnografias, já que suas obras seriam desprovidas de comprovação empírica.

Além dos pós-modernistas, os adeptos da teoria da escolha racional também não escapam

das suas críticas ferinas, afinal, segundo ele, se todos se comportassem racionalmente buscando maximizar as suas vantagens, o comportamento da humanidade seria padronizado e a antropologia não teria o que estudar. Mas, apesar das críticas, ele defende o uso de modelos explicativos na antropologia, afirmando: “Nenhum modelo explicará tudo; a tarefa é descobrir o que ele explicará” (p. 164).

Uma vez mais, Bailey utiliza Bisipara como uma alegoria para responder às críticas dos pós-modernistas, quando escreve: “Se qualquer coisa deveria ser chamada de ilusória nesta situação, não é o valor fixado em moderação e ordem; é a mímica da contestação” (p. 171). Essa afirmação responde às acusações dos pós-modernistas, segundo os quais a antropologia tenderia a valorizar a ordem; é, de certa forma, como o próprio autor esclarece no primeiro parágrafo do último capítulo, uma resposta antecipada às críticas.

E ele termina o livro indagando: “O que, finalmente, eu disse sobre as pessoas de Bisipara? Meu propósito neste livro foi mais para descrever a perspectiva delas sobre a vida que para teorizar sobre etnicidade ou métodos de análise” (p. 173).

Retomando a pergunta que Bailey colocou no prefácio do livro: “Qual é a vantagem de escrever sobre outros se nós não podemos, ao fazer isto, ver melhor a nós mesmos?” (p. xiii), podemos concluir que, mais do que um livro sobre conflitos étnicos, este é um livro sobre etnografias, modelos antropológicos e o futuro da disciplina. Magistralmente, Bailey usa a civilidade da indiferença para reafirmar o seu papel como antropólogo.